

O demoníaco pulsional e o trabalho do masoquismo

The demonic drive and the work of masochism

Sander Machado da Silva

Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre - CEPdePA
Rua Castro Alves, 38/12, Independência, 90430-130, Porto Alegre, RS, Brasil
sander.machado@gmail.com

Resumo: Este artigo trata-se de um ensaio teórico-clínico, o qual objetiva problematizar o conceito de masoquismo. Nesse sentido, opera um resgate da noção em Freud e realiza um cotejamento com o material clínico em questão. Acrescenta-se a isso, a releitura pós-freudiana e do próprio autor. A partir desse percurso, é lançada a hipótese de um trabalho do masoquismo no aparelho psíquico. Além disso, são derivadas e propostas outras linhas de investigação acerca da temática em pauta para estudos futuros.

Palavras-chave: Pulsão; Repetição; Masoquismo; Trabalho do masoquismo.

Abstract: This article is about a theoretical-clinical essay, which aims to problematize the concept of masochism. In this sense, it operates a resume of the notion in Freud and performs a comparison with the clinical material in question. In addition, the author presents a post-Freudian rereading and one he proposes himself. From this point forward, the hypothesis of a work of masochism in the psychic apparatus is launched. Finally, other lines of research on the subject for future studies are derived and proposed.

Keywords: Drive; Repetition; Masochism; Work of Masochism.

Cenas de abertura

“O Matheus nasceu quase morto. É isso que sempre escutei da minha família”.

Identificado com a narrativa familiar, Matheus apresentou-se à análise, aos vinte e um anos, como um morto-vivo. Seu cartão de visitas era uma internação psiquiátrica recente por abuso de várias drogas e risco de suicídio. Além disso, chegou a flertar com o tráfico. Não havia concluído os estudos, tampouco dado sequência a algum romance ou emprego. Desde sua infância pulou daqui para ali, sem ficar em nenhum tratamento. Indicava nitidamente que isso poderia se repetir, prematuramente, com seus atrasos e faltas nas primeiras sessões.

Com efeito, a primeira impressão foi de poucas esperanças. Nascer quase morto já implica um problema econômico, reimpresso no demoníaco pulsional que se faz notar nessas poucas linhas. Remeto tal problema econômico, em suas formas de apresentação nessa experiência clínica, ao conceito de *masoquismo* no sentido ampliado por Freud.

Matheus, devido ao seu torpor químico, solidão e severas autorecriminações de ser feio, retardado, fraco e de ter o pau pequeno, aparentava um estado melancólico. Afirmava sentir-se muito julgado e rejeitado em razão da sua inteligência e aparência, supostamente medíocres. Em torno dessas questões se diz paranoico, porém, atormenta-se baseado em uma *dúvida* persistente acerca de seu valor, sem inscrever-se na *certeza* persecutória. De todo modo, utiliza a expressão “*desconfigurado*” para descrever sua posição no laço social. Justificado nesse imaginário, nesta época, sua rotina praticamente se reduzia a “*vegetar na frente da TV, fumar maconha e se masturbar*”. Uma paisagem empobrecida, mas que não deixa de ser uma orgia autoerótica. Em que apostar então?

Surpreendia-me não só a sua necessidade de falar, mas a articulação do discurso e a demanda de construir uma narrativa das origens. Isto não apenas no que se referia à origem de seus sintomas, mas às origens enquanto sujeito. Os sonhos através dos quais respondia a determinadas intervenções causavam certo espanto. Esta produtividade nada tinha a ver com a imagem pintada em primeiro plano.

Aliás, “*improdutivo*” é um dos significantes usados por seu pai, Francisco, para lhe alcunhar. No entanto, se havia algo em que apostar, seria justo o endereçamento transferencial das produções do inconsciente. Ao mesmo tempo, o *clichê estereotípico* (Freud, 1912) do *fracasso* se esforçava, a todo custo, em atualizar-se.

Matheus com frequência fazia associações entre seu estado atual e a sua história infantil. Destaco duas delas por sua importância, digamos, transversal: “*desde sempre foi a minha irmã o filhote que deu certo. Eu sou o filhote frágil da ninhada*”, ou “*fiquei muito mal com a separação dos meus pais e as trocas de colégio aos oito anos*”.

Acerca das trocas de escolas narra brigas e turbulências infantis com seus pares e, já na adolescência, cenas ainda mais dramáticas, principalmente em torno da irmã, dois anos mais nova, “*que sempre foi mais bonita e inteligente do que eu*”. Atualmente Juliana trabalha e está na faculdade, logo é designada como produtiva. Por essas vias tortuosas, Matheus encarna o papel do filho problema aos olhos dos pais e do mundo.

Na época do início do tratamento residia com a mãe e a irmã. Seu pai casou-se novamente, porém, seguia sendo provedor, ao menos no que se refere aos filhos. Em função disso, Francisco reivindica em seu imaginário, digamos, direitos de propriedade.

Já a mãe, Lúcia, após o nascimento de Juliana, deixava Matheus aos cuidados de sua irmã gêmea, Luiza, pois supostamente não daria conta de cuidar de ambas as crianças. Alguns anos depois, no ato de separação do casal, Matheus fica com o pai e Lúcia vai morar com Juliana no interior do estado¹. Daí um forte registro de abandono. No mais, apresenta Lúcia como “*invasiva*”, “*superficial*”, “*frágil*”, mas “*muito bonita*”.

Nestes inícios, outro aspecto impactante em torno das aparências e do feminino, era a estampa de uma camiseta que Matheus usava com certa frequência: uma mulher loira de costas, em posição agachada, usando fio dental e olhando para trás através do próprio ombro. Uma imagem quase pornográfica. Contudo, diante das mulheres sente-se fracassado e se pergunta, constrangido, se poderia ser *gay*. Ocorre também que, em transas casuais ou com prostitutas, não consegue gozar, “*acabando na mão*”.

Notei aos poucos e, certamente, *a posteriori*, que por trás de sua apresentação sinistramente mortífera, havia algo de teatralmente dramático. De modo mais ou menos sutil, ocorreria um contrabando do erotismo que se infiltra em seus gestos e palavras. Derivariam daí suas paralisantes inibições? Seriam ressexualizadas na medida em que masoquistamente investidas?

Enfim, a indicação inicial de frequência foi de três sessões semanais, contudo, iniciamos o trabalho com uma, levando cerca de um ano para atingir a terceira sessão. Nesse ponto, Matheus deixou de utilizar medicações psiquiátricas, isto é, seus sintomas tonaram-se uma experiência subjetiva. Passou a se pensar mais dentro das situações de sua vida e, em determinados momentos, avançou nos estudos e voltou a praticar esportes. Contudo, jamais passou ao uso do divã e não foram poucas as ameaças de interrupção, seja por sua desvitalização, seja por intervenções de seu pai. Próximo ao terceiro ano de trabalho de uma sinuosa e esburacada estrada, num cenário particular que se dará a ver, de fato ocorreu a interrupção do processo analítico.

Masoquismos em Freud

Nada há de novo nessa estratégia em torno do masoquismo, pois trata-se de um retorno à Freud. Diante do demoníaco pulsional, o qual colocava em xeque o princípio do prazer, Freud

¹ Algum tempo depois Matheus irá morar com ambas (mãe e irmã) no interior do estado, em seguida, mais uma vez na casa do pai e, de novo, com a mãe e irmã, desta vez na capital.

reformula o conceito de masoquismo em 1924. Vale lembrar, Freud afirma esta noção, nas suas distintas formas de apresentação, como *expressão clínica da pulsão de morte e, ao mesmo tempo, a reinscreve na dimensão da sexualidade*.

Nesse contexto teórico, afirma o masoquismo não apenas como erógeno, mas originário das economias entre Eros e pulsões de morte, isto é, originário da primeira intrincação pulsional. Por essas vias tortuosas, Freud situa as formações masoquistas (erógena e originária, feminina e moral) em suas complexas relações com a compulsão à repetição e a reação terapêutica negativa (Freud, 1924; 1937).

É no terreno da sexualidade infantil e da metapsicologia que Freud trabalhou *nomeadamente* o conceito de masoquismo antes da virada de 1920, tanto no registro da disposição perversa polimorfa infantil quanto da estrutura perversa no sentido clínico do termo. Me refiro aqui, evidentemente, aos “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*” (Freud, 1905) e a “*Pulsões e destinos da pulsão*” (Freud, 1915).

No escrito de 1905, Freud apresenta o sadismo e o masoquismo como pulsões de crueldade ativa e passiva, pois estaria em jogo o prazer de infligir ou submeter-se à dor. Neste princípio teórico, o masoquismo é secundário em relação ao sadismo primário. Esta lógica é evidenciada no texto de 1915, na medida em que o sadismo e o masoquismo são situados enquanto pares de opostos exemplares dos destinos pulsionais da volta contra a própria pessoa e da transformação no contrário. Nesse sentido, a mutação do sadismo em masoquismo aconteceria via redirecionamento da meta ativa para passividade e, ao mesmo tempo, ocorreria uma troca de objeto na qual este é substituído pelo sujeito.

Entretanto, as tentativas de elaboração do enigma do prazer em torno dos “limiões quantitativos”, restam insuficientes. Contudo, Freud (1915) incluí ainda, a incidência das identificações nesse cenário: é por essa via que o sádico ao infligir dores a outros, goza de modo masoquista através do objeto que sofre.

Em 1919, *Uma criança é espancada* é o escrito freudiano mais específico sobre o masoquismo antes da publicação do texto 1924. Freud (1919) opera neste escrito um enlace das fantasias infantis de açoitamento com as formações masoquistas nas neuroses e perversões, situando-as em torno do complexo de Édipo e da regressão anal diante do complexo de castração. Não adentrarei aqui nos detalhes das fases e arquitetura dessas fantasias, todavia, retomarei tais problemáticas de forma estratégica.

Romance familiar

Matheus se diz incapaz de fazer qualquer coisa, encontrando-se impossibilitado para amar e trabalhar, situação que persiste ao longo da análise. A repetição de recaídas não só no consumo de maconha, mas também em desistências de projetos, momentos de faltas na análise, sintomas, brigas e dramas familiares etc. se impõem como demoníacas.

A ideia de um romance familiar, evidentemente, refere-se a vida amorosa-sexual e a conflitiva edípica. Se o romance familiar de Serguei Pankejjef nos remete à literatura de Fiódor Dostoiévski, em especial, *Os Irmãos Karamazov* (1879), o romance familiar de Matheus evoca mais diretamente Franz Kafka, principalmente em *A metamorfose* (1915) e *Carta ao pai* (1919).

Em *A metamorfose*, diferentemente daquilo que Dostoiévski coloca em cena, é o pai quem mata o filho: um asqueroso “rola-bosta” confinado numa alcova. “*Eu sou um vencedor e tu é um perdedor*”, ou então, “*não posso fazer nada para te ajudar se tu quer morrer, não tenho uma arma aqui para te dar*”, são falas trágicas que Francisco endereça à Matheus em cenas de crise. Já na *Carta ao pai*, é o filho humilhado quem tenta um ajuste de contas com seu pai despótico, versão fantasmática do pai da horda.

Justo nesse sentindo, vale resgatar aqui um fragmento: Matheus me conta certa vez, constrangido, que o pai é fã de Hitler e do III Reich. Vemos nisso o outro lado da moeda do complexo de Édipo: o filicídio. De imediato, o pai de Schreber (Freud, 1911) vem ao nosso espírito, porém, nota-se que no caso do Homem dos Lobos, Freud (1918) também conjuga a passividade diante do complexo paterno à corrente libidinal homossexual e, além disso, ao *masoquismo* e suas *incidências sintomáticas*.

Estes comentários em torno do complexo paterno, evocam uma cena infantil de Matheus, aos *oito anos*. Seu pai o havia mandado tomar banho, após algumas chamadas sem efeito, gritou energicamente. Matheus, contrariado, vai para o banheiro e, debaixo do chuveiro, fica “*agachado como se fosse cagar, sentindo um ódio extremo, fazendo força para invocar o demônio, para que ele entrasse em mim e eu pudesse enfrentar o meu pai*”. Esta cena terá importantes desdobramentos *a posteriori*, adianto apenas, que retorna aí a idade de oito anos (separação) e o demônio aparece como um sucedâneo do pai rebaixado e erotizado analmente.

Adentremos agora em outra trilha do romance familiar, porém, cotejando com o Homem dos Lobos, em relação ao “complexo da irmã” (superior). Vejamos isso a partir da narrativa onírica que sua irmã, Juliana, lhe narra: “*sonhei que a mãe tinha tido dois filhos. Essas duas crianças eram nós, só que nós já tínhamos nascido, já existíamos como somos hoje. Só que enquanto eu segurava os bebês, os dois ao mesmo tempo, parecia que eram meus filhos, mas a mãe é que tinha tido. E um*

deles era bem grande e o outro muito pequeno e frágil, mirrado". Matheus fica intrigado com o sonho da irmã. Sugere a mesma que pense no assunto, pois *"deve ter algum significado por trás"*. Confessa, no entanto, sua raiva: *"acabei perguntando o que ela achava que poderia significar, então ela me respondeu: eu cuidando de ti, porque eu era o bebê grande e tu o mirrado. Fiquei puto, mas não falei nada."*

A produção onírica que Juliana lhe endereça incide no próprio romance familiar. "Mirrado" entra na série de retardado, fraco, feio, perdedor, etc. na qual Matheus situa sua posição subjetiva. Pode-se evocar inclusive, a série bebê-pênis-fezes = mirrados (bebê pequeno = pau pequeno = ser um merda).

Aponto para Matheus, com outras palavras, haver uma mensagem na fala da irmã que o remete para esta série, e, no decorrer da sessão, o seu desconforto e identificação (ao mesmo tempo) com o papel que lhe é dado no roteiro do teatro familiar. Em função disso, o analisante retoma a mitologia de seu nascimento, como dito, *"quase morto"*.

A narrativa é que em seu nascimento algo prematuro, a mãe foi levada às pressas para o hospital. Diante da gravidade da situação o médico teria anunciado ao seu pai que precisaria escolher entre a esposa e o filho, pois um deles provavelmente iria morrer durante o parto de risco. Nada aparece sobre essa suposta decisão paterna sobre sua vida ou morte. Segue-se que ambos sobreviveram, mas que Matheus teria uma saúde frágil na primeira infância, apresentando "problemas respiratórios" e "falta de vontade". *"Me contam de quando eu era pequeno, que se me mostravam um brinquedo eu até olhava, mas ficava parado. Então achavam que eu não tinha vontade própria"*.

Na mitologia de seu parto, em suma, *para um viver o outro teria de morrer*. Esse fantasma se repetirá de muitas formas: para a irmã produzir Matheus é improdutivo, se a mãe está em casa e acordada ele se retira para o quarto e dorme, ou ainda, na memória infantil acerca das palavras do pai no cenário de uma crise financeira: *"eu me mato para tu poder usar essa camiseta de marca e tenho de usar essa toda desbotada"*.

A vontade de viver precisa ficar morta. Notem que a resposta ao sonho da irmã é *"fiquei puto, mas não falei nada"*. Poderíamos associar isto com a *"falta de vontade"*? Esta expressão é utilizada inúmeras vezes para justificar suas desistências e fracassos. Enfim, tanto ao olhar os brinquedos ou ao escutar o sonho da irmã, Matheus "não faz nada". Ao mesmo tempo, "ficar puto" pode possuir significações tanto de passividade ou homossexualidade, quanto de agressividade, ou ainda, de passiva agressividade.

Certo dia, a irmã acabara de sair do apartamento para faculdade e a Lúcia manda Matheus descer o lixo. Por sua vez, questiona o fato de irmã ter acabado de descer e tal solicitação não ter sido feita para a mesma, então a mãe lhe diz peremptoriamente: “*tu não faz nada, mas a tua irmã trabalha e estuda, então tu fica com o lixo*”. Matheus fica sem reação e essa cena produz uma atualização da rejeição materna, a qual teria optado repetidas vezes pelo filhote mais bonito e produtivo. Isto é, primeiro ao lhe deixar aos cuidados da tia para cuidar da irmã e depois tendo escolhido aquela para morar em outra cidade. As recordações dessas experiências escondiam-se por trás das queixas das trocas de escola no ato da separação onde havia sido excluído “dos colegas”.

Após tal briga com a mãe, Matheus vai “inesperadamente”, morar com o pai e se refaz a antiga fantasia infantil de que “*a mana é da mãe e eu sou do pai*”. Vemos nisso um vazio em torno da figura materna através das imagens descritas acima. Diante desse buraco, desta *mãe morta* e do desamparo deste *filho quase morto*, resta ao filhote frágil recorrer a um pai todo-poderoso formando um par sadomasoquista. “Antes só do que mal acompanhado” inverte-se em *antes maltratado do que desamparado*.

“*Meu pai só pensa em dinheiro*” é uma fala muito comum, *mas quanto será que custa ser do pai?* É uma interrogação que faço à Matheus. Por vezes, se imagina “*com mais de quarenta anos, já careca, barrigudo e dependente do pai*”. Relacionando esses enunciados com a “*falta de energia*” ou de “*vontade*”, circunscrita no discurso familiar e psiquiátrico sob a insígnia da *depressão*, resgato uma passagem de *Psicologia das massas e análise do Eu* (Freud, 1921, p.91) que aponta outra leitura possível:

Com suas medidas, o hipnotizador desperta no sujeito uma porção da herança arcaica deste, a qual também se harmonizou com os pais e na relação com o pai experimentou uma revivescência individual, a ideia de uma personalidade potente e perigosa, ante a qual só se poderia ter uma *atitude passiva-masoquista à qual a vontade tinha de se render*, parecendo ser uma arriscada empresa estar a sós com ela, “*cair-lhe sob os olhos*”. Apenas assim, aproximadamente, nos é dado a imaginar a relação de um indivíduo da horda primeva com o pai originário.

De várias maneiras Matheus indica que enxerga seu pai como essa personalidade ameaçadora, portadora de olhar invasivo e imperativo. Não ter “vontade própria” pode ser traduzido como estar submetido a vontade do outro. Contudo, antes “*um Hitler*” do que o deserto da relação com sua mãe. Segue-se agora um sonho de Matheus, logo após mudar-se para a casa do pai, e que parece convergir com a lógica da passagem citada:

Sonhei que eu estava com uma gurizada numa casa, era uma festa. Lembro que apareciam algumas pessoas daquele pessoal com quem fui para praia no verão. E teve uma parte em que eu

estava num quarto com uma mulher e ela dançava para mim. Ela foi tirando a roupa até ficar só de calcinha. Reparei que ela tinha uma tatuagem, um desenho bem pequeno na virilha. E aí muda o sonho, vai para uma sala com monitores das câmeras que estavam instaladas na casa sem a gente saber. E aí é um cara que está olhando, não sei se ele é um segurança ou o quê, mas ele estava com um uniforme que parecia militar, só que era todo preto. Essa parte foi muito estranha porque eu me vi nos monitores, só que na tela dos monitores o meu rosto aparecia estranho, distorcido. Não sei explicar direito... Sei que acordei no susto, apavorado.

Em razão da não será possível percorrer todas as trilhas do trabalho de interpretação do sonho. De todo modo, apontarei algumas linhas associativas: o uniforme preto refere-se ao estilo do exército nazista visto num filme de guerra poucos dias antes do sonho. Um dos amigos presentes no sonho é o dono da referida casa de praia e este possui o mesmo nome de um amigo de infância que era seu vizinho. Certa vez, Matheus foi na casa deste amigo sem avisar ao pai, o qual foi lhe buscar e, irritado, questionou “*o que queria na casa daqueles guris mais velhos, taradões*”...

Indagado sobre o desenho da tatuagem da dançarina, Matheus pensa que era uma versão de um *stencil* que havia deixado na casa de sua mãe, mais especificamente no quarto de sua irmã... Ao se perceber observado, sob a mira de um olhar militar na cena de sedução erótica e incestuosa, o sonhador desperta angustiado.

Nota-se ainda, que a visão do genital feminino, a qual denuncia a castração, não se apresenta ao sonhador. É possível resgatar nesse mesmo sentido, a estampa feminina da camiseta na qual a visão da mulher de costas enfatiza suas nádegas (ânus), porém, nada insinua da vagina. No caso do Homem dos Lobos, Freud relata que este só obtinha prazer genital com mulheres na posição atribuída à mãe no *coitus a tergo* da cena primária, sustentando tal prazer na teoria cloacal (pré-genital). Esta supervalorização de uma parte do corpo ou de um objeto como modo de desvio da castração, posteriormente é conjugada ao fetichismo como paradigma na teorização freudiana da divisão do Eu e da *Verleugnung* (Freud, 1927; 1938).

Demoníaco pulsional e masoquismos

Dito isso, pode-se remanejar a problemática das estruturas clínicas na direção da metapsicologia, terreno em que pode ser recolocada em torno do masoquismo. Remeto então esse significante, *demoníaco*, diretamente ao texto *O estranho* (Freud, 1919) no sentido da compulsão à repetição e, na sequência, na virada de 1920, enquanto efeito das pulsões de morte.

Nesse sentido, não se deve esquecer que, rigorosamente falando, a pulsão de morte é sempre morte do próprio sujeito. Este é o sentido preciso da noção de retorno ao inorgânico, pois trata-se de um movimento pulsional de *autodestruição*. A pulsão de destruição e suas variantes (sadismo, dominação, agressão etc.) já constituem, portanto, uma transformação no destino da pulsão de morte que é por excelência *autodirigido*.

Diante disso, o masoquismo originário entra em cena enquanto primeira ação da libido no esforço de lidar com essa pulsão de morte, isto é, promover seu enlaçamento. Esta ação é fundamental na medida em que possibilita ao aparelho embrionário tolerar aumentos de tensão mesmo que isso signifique, a princípio, desprazer.

Já o sadismo, por sua vez, constitui uma tentativa de deflexão ou drenagem da pulsão de morte para os objetos externos. Deste modo, o sadismo, as pulsões destrutivas ou de dominação, seriam transformações secundárias dessa ação libidinal sobre a pulsão de morte. Ou seja, o sadismo torna-se secundário ao masoquismo.

O enlaçamento da pulsão de morte em seu *direcionamento interno* (masoquismo primário), na sua expulsão (sadismo ou masoquismo projetado) ou no redirecionamento contra a própria pessoa (masoquismo secundário), possuirá maior ou menor grau de intrincação pulsional. Na situação primordial do direcionamento interno da pulsão de morte, o masoquismo primário seria seu primeiro destino: a erogenização. Incidiria aí uma forma de neutralização das pulsões de morte. Deste modo, tal destino seria anterior, inclusive, ao retorno sobre si e a transformação no contrário.

Converge com tal hipótese, diversas linhas de trabalho apresentadas por Rosemberg (2003) no livro *Masoquismo mortífero, masoquismo guardião da vida*. Por sua vez, Paim e Machado (2017) propõem o masoquismo erógeno como quinto destino pulsional, ou melhor, sendo o primeiro dentre estes. Resta saber, isto é, discutir em maior profundidade, se conceito de destino pulsional de fato se aplica a este caso. Além disso, estas proposições convocam outras investigações sobre as relações internas entre masoquismo erógeno, autoerotismo e narcisismo primário.

Contudo, retornemos ao texto freudiano de 1924: a força da libido foi necessária para uma modificação do princípio de Nirvana, império da pulsão de morte, para que daí pudesse advir o princípio do prazer. Avançando no problema, Freud lança a hipótese de uma *coexcitação libidinal*, a qual acolheria a dor e o desprazer no campo da excitação sexual após a transposição de determinados limiares de tensão.

Entretanto, Freud não dá a questão por resolvida através desse mecanismo o qual nomeia, aliás, de *fisiológico*. Não obstante, recorre ao aparelho muscular no sentido da descarga que

desviaria parte da pulsão de morte, como dito, para fora via pulsões de destruição e/ou sádicas. Apesar dessa saída, há sempre um resto no registro interno que não é escoado. Tal parcela conservada no sujeito, por meio da coexcitação sexual “*entre dor e prazer, teria sido fixada libidinalmente. Ora, é essa parcela fixada que chamamos de masoquismo original e primário*” (Freud, 1924, p. 109).

Deste masoquismo original, Freud deriva duas outras formações: o masoquismo feminino e o masoquismo moral. O primeiro estaria associado com a condição feminina de ser castrado, objeto de coito ou de sofrer as dores do parto. No nível fantasmático ou até mesmo de atos concretos, esse masoquismo apresenta-se nas cenas em que o sujeito é amarrado, açoitado, sujado, submetido à servidão humilhante e maus tratos, etc.

Acerca da apresentação do masoquismo moral, Freud (1924) destaca que não se pode ver uma relação nítida com aquilo que é da ordem da sexualidade. Converge nesse sentido, a lógica de o sofrimento poder ser causado por contingências impessoais: o que importa é o sofrimento em si, podendo estar ausente o objeto amoroso. Nesse contexto, Freud (1924) descreve o jogo sadomasoquista entre o intransigente Supereu sádico e o masoquismo do Eu. Por essa via, reformula a ideia do sentimento inconsciente de culpa, convertendo-a em necessidade de punição do Eu. Além disso, Rosemberg (2003) aponta que o masoquismo moral é a apresentação mais disfarçada e recorrente do masoquismo no registro das neuroses.

Retornemos a problemática masoquista do prazer na dor: Rosemberg (2003) nos recorda que a controvérsia em torno do prazer na dor, significa prazer no aumento de tensão. Ou seja, prazer naquilo que para Freud é desprazer, pois o princípio de prazer encontraria satisfação na redução das tensões. É nesse sentido que Freud irá aproximar o princípio do prazer do princípio de Nirvana. No entanto, se a questão é fechada neste ponto, o desenvolvimento do aparelho psíquico estaria assim inviabilizado de ocorrer. É notável que desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) Freud situa a dificuldade de compreender a incidência de certas tensões prazerosas. É em torno disso que deixa em aberto os efeitos dos fatores *qualitativos* envolvidos nesses processos.

Então, teria de haver algo que possibilitasse ao aparelho suportar tensões em seu interior sem descarga imediata. Para Rosemberg (2003) este papel é desempenhado pelo masoquismo erógeno e primário, sendo este a condição de possibilidade para que se instale *temporalidade* no aparelho. É em torno dessas economias que Rosemberg (2003) forjou o conceito de *masoquismo guardião da vida*. O núcleo masoquista primariamente constituído, que perduraria no interior do Eu, permitiria o investimento (ligação) das excitações. Nota-se no termo “guardião da vida” uma

referência à Freud na medida em que este afirma o sonho como guardião do sono, isto é, ao assinalar sua função de resguardar a lógica do princípio do prazer. Já o masoquismo, portanto, seria guardião da vida pois mantém-se erógeno em oposição ao princípio de Nirvana (excitação = zero).

Lembramos também, entretanto, que o masoquismo seria na teoria freudiana a manifestação clínica *por excelência* das pulsões de morte. Esta, contudo, afirma Freud (1920), trabalha de forma silenciosa. É ruidosa se redirecionada para os objetos externos ou quando, aparece no próprio sujeito nas formações masoquistas. É precisamente neste sentido que o Freud afirma o masoquismo enquanto manifestação clínica da pulsão de morte. Mesmo neste caso, porém, já possui um *quantum* de enlace com a sexualidade. Daí poderá haver, digamos, maior ou menor “barulho” das pulsões de vida, podendo-se traduzir tais formações nos termos dos masoquismos guardião da vida e mortífero. Com efeito, no caso de Matheus, *pode-se substituir os termos da depressão ou da falta de vontade pelo masoquismo mortífero*.

Se o masoquismo guardião da vida (erógeno) opera uma neutralização da pulsão de morte, o masoquismo mortífero realiza o inverso, isto é, paralisa as pulsões de vida (Rosemberg, 2003). Neste masoquismo mortífero há, portanto, maior desintração pulsional. Rosemberg (2003), dentre outros aspectos, destaca um progressivo abandono dos objetos nesta operação. Nesse sentido, discute os exemplos extremos dos anoréticos psíquicos, das automutilações psicóticas ou do recolhimento melancólico. Entretanto, há elementos para situar aqui também os estados de apatia e desvitalização de Matheus.

Rosemberg (2003) relata o caso de Daniel em seu período de “vegetação”, expressão, inclusive, utilizada por Matheus:

uma espécie de interrupção de qualquer atividade dos 20 aos 30 anos marcou sua vida: retirou-se para casa da família e praticamente não fez nada durante esse período. Ele estava “doente”, mas sem hipocondria maior ou delirante, “doente dos nervos”, “cansado” [...] Durante esses dez anos, viveu de fato como castrado, doente, humilhado e culpado de estar doente, mas era também um período de satisfação masoquista (p. 54)

Naquilo em que é de fato ruidoso, isto é, nas cenas de dramas familiares, saídas turbulentas, brigas (masoquismo feminino ou, melhor, *libidinal*) etc. no âmbito familiar é visto como demasiado “*problemático*”. O Nirvana é bem-vindo no templo doméstico como uma espécie de redução de danos. Um jogo perigoso, pois, ao contrário, resultaria num risco maior da paralização das ações de Eros.

Nesta paisagem trágica, lanço a hipótese de que o *masoquismo libidinal*, apesar de ser uma regressão do masoquismo moral, seria paradoxalmente uma tentativa de cura do analisando

enquanto esforço de erotização de suas atuações. Esta hipótese evoca o fantasma de *Uma criança é espancada* (Freud, 1919) que havia deixado em suspenso.

Certa vez, na fila para entrar em uma festa, Matheus troca empurrões com outro rapaz. Os seguranças do local intervêm e dispersam a confusão. Depois de algum tempo Matheus tenta entrar na festa, desafiando um dos seguranças que o impede. Por sua vez, tenta resistir e acaba rasgando a camisa do imponente homem, “*maior e mais forte*”. Então recebe um soco no rosto e acaba mordendo a língua. Devido as marcas de sangue encontradas nas roupas de cama, seu pai desconfia que Matheus apanhou na rua. Então lhe “*enche de lições de moral, como se estivesse botando uma criança de castigo*”.

Pode-se interpretar que Mateus é duplamente açoitado. Na primeira cena há uma nítida tensão sexual ao rasgar a roupa de um homem e depois deixar marcas de sangue na cama. O pai, por seu turno, bate moralmente. Chama atenção que tudo isso ocorre após uma sequência de finais de semana nos quais Matheus havia “*se dado bem*” com as mulheres. Dentre essas, uma era nitidamente um símile da irmã. Então Matheus dá com a língua nos dentes literalmente e retorna o tema da castração no corpo.

De um lado se desvelam satisfações masoquistas e homossexuais diante do pai e, de outro, um ritual de expiação da culpa pelos atos sexuais igualmente recobertos de fantasias incestuosas. Além disso, após o “sermão do pai”, Matheus sente-se justificado em desprezar o pai (se defendendo do amor por este) e desistir do cursinho (como forma de provocação no sentido da sedução masoquista que solicita ser espancado de novo).

Costurando essa cena e algumas outras, chegamos em análise a interpretação de que na sua lógica “*quem apanha ‘acaba tendo a razão’*”. Precisamente por meio dessa lógica é que incide a ressexualização da culpa no masoquismo moral (Rosemberg, 2003) e da posição de vítima, após uma erotização prévia da dor. Se estabelece, paralelamente, uma *dominação masoquista* daquele que ativamente se coloca na posição passiva e controla, imaginariamente, seu algoz.

Aqui é preciso dar um passo atrás para poder avançar: Matheus chega a chamar o mal-estar do uso de maconha de *tortura* e *veneno*. O objeto-droga estaria fora do princípio do prazer. Matheus afirma que não se sente à vontade também “*em andar no meio da malandragem ou fazer pichações*”. Contudo, repete-se ao infinito. Nota-se aí que não há, ou praticamente não há, prazer nessas transgressões, pois encontram-se à serviço do despertar do sentimento de culpa e da sedução masoquista em relação ao pai edípiano.

Este jogo pode ser descrito por meio da seguinte série: inibições (masoquismo mortífero) + atuações (masoquismo libidinal) = punições e lições de moral (espancamento enquanto satisfação sexual/expiação da culpa) = ressexualização da moral (masoquismo moral).

Lembremos que Matheus não goza com prostitutas e com a maioria das mulheres com quem saí, só goza na masturbação sob o olhar destas. Pode-se ler isto no sentido da inibição da realização do gozo incestuoso ou reinterpretar esse fenômeno no registro do exibicionismo-voyeurismo. Ao encontro dessa leitura surge uma cena que aparece tardiamente: Matheus saí de uma casa noturna com uma garota e transa com ela na rua, à olhos vistos. Nesta condição consegue gozar. Em torno de uma possível condição fetichista já havia citado também ausência ou negatificação dos genitais femininos na “camiseta pornô” e no sonho da “festa monitorada”.

Evoco a respeito desse conjunto, o contrato de Severin e Wanda em *A vênus das peles* de Sacher-Masoch (1870). Nas encenações deste par sadomasoquista a mulher-carrasco teria de utilizar vestes de peles, chicote, botas e falar de modo ultrajante. Tudo isto para teatralizar sua condição imaginária de mulher-fálica, ou seja, negatizando a castração. Reside aí uma *íntima familiaridade entre masoquismo e fetichismo*.

A partir disso, levanto a questão de saber se no masoquismo perverso não teria de haver sempre uma condição fetichista ou, ainda, se a própria dor nessa ou naquela parte do corpo, provocada por esse ou aquele objeto específico ou palavra humilhante, poderia ser fetichizada. Freud afirma em *O problema econômico do masoquismo* (Freud, 1924) que a castração deixa sua marca ao avesso, negatizada, nas fantasias e encenações masoquistas, pois os olhos e os genitais seriam sempre preservados. A suposta oferenda masoquista na posição de impotência e submissão, portanto, não passaria de um fingir-se castrado.

Repetições e transferências

O primeiro endereçamento, como dito, seria da ordem da repetição do fracasso e desistência, porém, operou-se outra aposta. Desviando-se dessa série, surge com o tempo, o desafio de interpretar o gozo masoquista sem ocupar, no ponto de vista do analisante, o papel de julgador ou ditador sádico. Certamente, o convite-armadilha era “bater-lhe com palavras”. Daí suas proposições e demandas por diagnósticos e rótulos masoquizantes.

Vale pontuar ainda, a respeito do desafio em jogo, um deslocamento progressivo das interpretações em torno da autodestrutividade para a *sedução masoquista* (sem perder de vista a relação íntima entre ambas as correntes). Este ângulo do problema apresentou-se conforme

impasses com este e outros analisandos, os quais se esforçavam em inibir o trabalho analítico por meio de seu discurso de fragilidade e/ou vitimização. Deste modo, protegem-se das interpretações que denunciem o gozo masoquista aí dissimulado. Ou ainda, tentam convocar a impaciência e agressividade do analista diante de suas monótonas repetições e lamentações infundáveis. A interrogação constante é *se* ou *quando* o analista irá desistir ou operar maus-tratos.

Em *Além do princípio do prazer*, Freud (1920) nos diz: “*na transferência, todas essas ocasiões indesejadas e situações dolorosas são repetidas e revividas pelo neurótico com especial habilidade. Esses pacientes tentam interromper o tratamento ainda em curso e sabem evocar para si novamente toda a sensação de serem desprezados*” (p. 146)

No decorrer do processo analítico, Matheus, por conta, vai deixando de utilizar medicações e de ir ao psiquiatra. Seu pai acredita que não adiantará nada se analisar sem medicação. Nesta época ocorre uma briga intensa com Juliana em que, após gritos, batidas de porta e empurrões, Lúcia chama Francisco para intervir. Nas semanas seguintes fica extremamente deprimido e pensa em desistir de tudo, fala em suicídio. Seu pai pede um horário e o analisando é favorável. Entrava em cena um teste sobre se o analista se aliaria com o pai para lhe medicalizar e normatizar, ou então, se aliaria com o analisante contra o poder totalitário do pai. Nesse sentido, pairava no ar uma ameaça implícita de corte do pagamento do tratamento.

Então, uma verdadeira “sinuca de bico” se desenhava. Entrava em questão ainda, se à moda mãe da infância, lhe deixarei nas mãos do pai como na época da separação. Ou antes ainda, se como o pai, decidirei se segue vivo ou morre, como na lenda familiar de seu nascimento. Há também a montagem da cena com a irmã que desencadeia o repetido e infantilizante romance familiar. Contudo, o conjunto desta repetição pôde ser trabalhado com Matheus. Ao receber Francisco, a única afirmação é da continuidade na aposta do tratamento e da manutenção do necessário sigilo (porta fechada).

Após quase dois anos de trabalho analítico Matheus havia conseguido concluir o ensino médio e fazia curso pré-vestibular. Aos poucos se integrava com alguns colegas. Além disso, estava praticando esportes todos os dias da semana, não se encontrava mais inundado de maconha e havia uma relativa trégua nos embates familiares. Neste período conseguia se aproximar com sucesso de algumas garotas. Realizada tal aproximação, surgiam as dificuldades em torno da prática sexual já mencionadas.

Neste ponto do tratamento, se estabeleciam dificuldades por parte do analista em trabalhar mais diretamente com as fantasias incestuosas e homossexuais que brotavam no discurso do

analisante em torno de tais problemáticas sexuais. Dentre estas, por exemplo, encontravam-se devaneios nos quais se imagina protegendo a irmã de estupros. Ou ainda, a respeito da solicitação do pai que a mãe o avisasse por telefone se Matheus matasse aula: “*meu pai está sempre fazendo alguma coisa por trás de mim*”. Posteriormente, essa fala foi resgatada e associada com sua impossibilidade de deitar no divã.

É uma época de maior atividade “da porta para fora”, na qual consegue ficar com algumas garotas e passa a envolver-se em brigas. Busca testar sua potência, já que está praticando artes marciais. Diz que “*é como se quisesse resumir a vida à sexo e violência*”. De certa forma, uma cultura do sadomasoquismo. Comenta que não consegue se aproximar de mulheres sem interesse genital: “*na real o que eu quero é comer todas as mulheres*”. “*Todas?*”, é a pontuação que faço. Desconcertado responde por meio de uma negativa: “*menos a minha irmã e a minha mãe*”.

Com efeito, sonhos eróticos com a mãe e a irmã são lembrados nas sessões seguintes, no entanto, sem que Matheus revele seus conteúdos. Relata ter tido tais sonhos na pré-adolescência. Surgem também cenas infantis diversas: sua tia Luíza lhe incentiva a fazer “*galanteios*”, elogiando aparência daquela. Não esqueçamos que Luíza é a irmã gêmea de sua mãe, Lúcia. Por outro lado, afirma que apenas sua irmã era tida como bonita e esperta pelos familiares, ao menos em seu imaginário. Desdobram-se daí associações em torno de sua intensa preocupação com a aparência enquanto valor fundamental.

O cenário infantil de competição com a irmã vai tomando forma mais nítida: sentia ciúmes da irmã e lhe xingava de gorda. No entanto, na puberdade a irmã se tornara muito atraente e “*todos os amigos diziam que iam comer ela*”. Esta ideia perturbadora é parte da matéria-prima das fantasias de estupro da irmã. No entanto, nas fábulas infantis aquele que salva a mocinha do perigo é o mesmo que conquista seu coração. Não obstante, tanto nas fantasias de espancamento quanto de cena primária, o sexual é visto como sendo da ordem de uma violência brutal.

A questão do olhar e da privacidade também passa a se apresentar com força. Num primeiro momento tratam-se de cenas em que a mãe lhe expõe ao ridículo: mostra seus pijamas na frente dos amigos e diz na frente de uma moça com quem havia dormido que irá lavar os lençóis. Em seguida, aparecem cenas nas quais seu pai sai do banho exibindo seu “*pau realmente grande*” ou deixava “*manchas de merda nas toalhas brancas*”. Há ainda, uma cena infantil em que após escutar gemidos no quarto dos pais, interrompe o intercuro sexual ao bater na porta e reclamar que um *grilo* entrou em seu quarto.

Conforme o tema do ver e ser visto é trabalhado, Matheus relembra que até os *oito anos* tomava banho junto com Juliana. Certa vez, na casa do avô materno, este intervém com Lúcia e proíbe que seguissem com essa prática. A partir disso, “*acho que nunca mais vi minha irmã pelada*”. Recorda de uma foto, tirada pelo pai, na qual ambos olham para a câmera enquanto ele abraça a irmã por trás. Algumas sessões de desenrolam em torno da irmã, até que Matheus inicia uma destas dizendo “*talvez eu seja apaixonado pela minha irmã desde criança e não tenha me dado conta, talvez por isso a gente brigue tanto ou eu queira me manter afastado dela ou sinta vergonha, ciúmes*”.

Na escrita desse ensaio me ocorre uma associação entre tal fotografia e a cena em que Matheus transa com uma garota na rua, “*pegando por trás*”. Deste modo, se fazem presentes o olhar de um expectador por trás da lente da câmera e os possíveis olhares dos transeuntes na rua. No sonho relatado, existe também um observador através da tela dos monitores, interpretado justo como substituto paterno.

A idade de oito anos retorna mais uma vez por meio da fotografia. A despeito da precisão ou imprecisão dessas datações, o número *oito* faz aproximar a cena em que o avô proíbe a visão e contato com o corpo nu da irmã, daquela em que o pai briga com ele para que vá para o banho, já sem a companhia da irmã. É justo nessa cena em que o interdito é deslocado para o pai e ocorre a “*invocação do demônio*”, a qual incide numa identificação com o pai rebaixado e na excitação anal-sádica de ser possuído por ele. Além disso, essas cenas encontram-se na série de outra separação: o divórcio dos pais no qual ficará afastado da mãe e da irmã, também aos oito anos.

Se referindo aos banhos com a irmã, Matheus diz que “*provavelmente meu pai não se importava com isso*”. Ao contrário, de tempos em tempos Francisco propunha que a família dormisse toda junta na cama do casal. Matheus recorda angustiado de seu mal-estar em dormir “*agarrado*” com o pai. Lembra de pensar que sentiria vergonha de contar para os amigos que isso acontecia, pois pensariam que ele era *gay*.

Como dito, Matheus “*retrocede*” logo após avançar. Então retornam desistências (inibições) e o pai volta a pressioná-lo. Além disso, Francisco torna a enviar mensagens de *whatsapp* para as quais dou apenas respostas genéricas. O trabalho de supervisão encaminhou-se no sentido de nem mesmo abrir tais mensagens. Isto porque se leio tais mensagens e não comunico à Matheus coloco em risco a confiança, porém, se leio e conto, há uma invasão e um controle imaginário do pai. Relato aqui apenas um breve fragmento: “*não é que eu queria que o Matheus seja meu serviçal, mas se tu puder falar com ele para pelo menos passear com o cachorro...*”

No renovado cenário de intromissões paternas e seduções masoquistas de Matheus a expressão “*pegando no pé*” é recorrente. Interrogo se esse pegar no pé não seria vivido como uma prova de amor. Surpreso Matheus recorda de uma narrativa familiar: quando criança pequena e nas vezes em que dormia com os pais ou apenas com o pai, este sempre dormia *pegando o seu pé*. Algumas sessões adiante, retomando o tema da sexualidade, lembra, constrangido, de uma cena ocorrida aos quatorze anos, quando morava apenas com Francisco pela segunda vez. Tinha ido assistir televisão no quarto do pai, pois não havia outro aparelho na casa. Deitados na cama lado a lado, de repente “*meu pai pegou no meu pau*”, afirma Matheus mortificado.

Pegar no pé deslizara então para pegar no pau. A ternura e o sensual encontravam-se traumáticamente misturados. Na época, Matheus construiu uma versão na qual tentava explicar o incidente: o pai, possuidor de um “pênis realmente grande” (diante do qual o seu é “mirrado”) teria lhe tocado para saber o tamanho do seu genital para confirmar se realmente era seu filho. Esta desmentida da homossexualidade e da violência paterna ressignificavam também uma recorrente fantasia de que a mãe teria traído seu pai: então seria ele filho legítimo ou não? O que significaria não ser?

De todo modo, o período de aprisionamento em frente à televisão (tela/monitor) e masturbação repetem com *fidelidade*² tanto o trauma quanto a satisfação proibida. Poucos dias depois de narrar a cena masturbatória com o pai, Matheus sofre um *assalto* no qual estava “*de bobeira num lugar perigoso*”. Recorda-se de dois assaltos que sofreu aos *quatorze anos*, sendo que em um deles, ao tentar reagir, levou uma facada na orelha.

Este número, quatorze, não nos interessa no sentido cronológico, mas como uma formação do inconsciente que denuncia conexões e a compulsão à repetição através da aparente neutralidade dos números. Freud nos falou em diversos momentos sobre esta utilização. Enfim, ser “pego de assalto” e ter uma “parte cortada” (castração no sentido da impotência e como cicatriz no corpo) apontam a convergência da cena e sua repetição em atos sintomáticos. O conjunto desses elementos e interpretações vai se somando na direção de uma construção desse romance familiar-edípico.

As tentativas de Francisco de espiar (*voyeurismo* via tela do celular) e controlar a direção da análise, da qual agora encontrava-se apartado, ou ainda, as faltas de Matheus em determinados sequências de sessões, puderam ser interpretadas como tentativas de evitar revelar dolorosos segredos familiares. Esta leitura evocou duas lembranças: seu pai entrando em uma pizzeria na qual Matheus estava com os amigos. Francisco avisou sobre sua presença no local e ficou “*bebendo*

² Expressão utilizada por Freud (1920) em *Além do princípio do prazer* acerca da compulsão à repetição.

cerveja e olhando de longe”. A outra, mais antiga, trata-se de uma situação que se repetiu diversas vezes: Francisco escancarava a porta do quarto em que Matheus brincava com seus amigos para saber o que faziam “*escondidos*”. Estas cenas entram na mesma série daquela em que Francisco lhe buscou na casa dos amigos mais velhos, “*taradões*”. Pode-se indagar se tal fantasia pretendia proteger ou monopolizar o corpo de Matheus.

O conjunto das cenas descritas se apresentava na transferência na forma de uma questão que precisava ser nomeada: “*o que é que estaríamos fazendo de porta fechada fora do alcance do olhar paterno?*”. Esta leitura tocava tanto na situação traumática, nos seus sintomas e inibições, quanto nas fantasias homossexuais.

Se há uma questão que entrou em meu percurso na psicanálise através do tripé nos últimos anos, foi a da transferência como demanda de amor e a importância de falar das formas de amar de cada sujeito. Nota-se aí um desafio nesse cenário.

A acolhida da escuta e do não julgamento por parte do analista são vistos com estranhamento. O mesmo acontece com amigos, familiares e professores. O amor ou qualquer posição que julgue passiva são vividos como submissão imaginária. Daí a dificuldade e a dor de entregar-se. Então, quando passa a ser mais compreensivo e contextualizar os conflitos com os outros de seu convívio, ou seja, em detrimento de ser combativo, sente-se humilhado e fraco, *emasculado*, para usar um termo schreberiano. Nesse sentido, o sadismo seria uma defesa contra o masoquismo em seus elementos homossexuais. No entanto, habita aí um engano: o combate, “*estado de guerra*”, sempre retorna como humilhação e derrota, alimentando justo o masoquismo libidinal e moral como vim tentando demonstrar ao longo deste trabalho.

Entrando no terreno sensível do amor, Matheus algumas poucas sessões antes da interrupção do tratamento, diz que me ter como sua principal referência masculina é uma espécie de traição com seu pai. Ao avesso, a dependência do pai, é uma declaração de amor ao mesmo. Nesse contexto, chega a falar em cumplicidade no sentido daquilo que Freud nomeou de transferência amistosa. Ao mesmo tempo, em suas fantasias, poderia se tratar de cumplicidade em um crime contra o *establishment* edípico.

Em torno disso se pode lançar a seguinte hipótese de trabalho: se amor é regredido analmente (fantasma de bate-se numa criança) ou é fálico-perverso e incestuoso, Matheus se esforça em operar uma *negativação* dessa sexualidade infantil. Daí intensas inibições e desvitalização. No amor de transferência o fantasma é de abuso homossexual e, nesse sentido, a transferência incide como maior resistência à análise.

Após um “*período de fossa*”, Matheus consegue se reaproximar da mãe e esboça conversas mais francas e maduras com o pai e a irmã. Começa a pensar em trabalhar e há uma garota com quem tem tentado criar alguma intimidade. Certo dia, sai para *passar com o cachorro do pai* e retorna para casa chapado. Isto desencadeia uma série de intensas brigas. Na sequência, Matheus pensa em interromper o tratamento, embora reconheça que sequer consegue formular um motivo para isto. Então conta que o pai lhe havia dito na noite anterior: “*tu pode ficar sem fazer nada, deitado no sofá o dia todo, desde que não fume maconha*”. Por meio dessa fala, se reinstaura o contrato sadomasoquista, predominando o masoquismo *mortífero*, silencioso. Ao mesmo tempo, incide um recolhimento narcísico através deste masoquismo, incidindo como narcisismo negativo ou de morte. Lembra ainda, a situação já mencionada, do hipnotizador (versão do todo-poderoso pai da horda) que coloca para dormir.

Assinalo para Matheus que com a interrupção do tratamento estaria aderindo ao contrato ou mandato paterno. Responde que pelo que viemos trabalhando, se torna-se mais independente, “*deixa o pai sem função*”. Em seguida relembra de que o pai teria lhe dito certa vez: “*se não fosse vocês (filhos) eu já teria me matado*”. “*Nisso fica claro o peso que é para ti, que se vê mirrado, ter que carregar o pai*” ou ainda, retomando a lenda do seu nascimento, “*é como se para um viver o outro tivesse que morrer*”, são os esforços de trabalho do analista. Matheus não interrompe a análise neste momento, mas três semanas depois algo de demoníaco retorna de maneira tétrica.

Matheus durante uma noitada acaba em um bar barra pesada. Encontrava-se no banheiro no momento em que ocorrem disparos de arma de fogo. Após alguns minutos sai do banheiro e vê um homem ensanguentado com um tiro no pescoço, agonizando. Não sabe dizer porque, mas pegou na mão daquele e o apaziguou na hora de sua morte. Havia contado alguns dias antes que seu pai tinha lhe dito “*te vejo como o meu pai*” (já falecido). Interrogado pelo filho, que perturbado pergunta o porquê, Francisco responde “*como um velho sem forças que só arrasta os **pés** dentro de casa*”. Matheus, silencioso, responde interrompendo a análise.

O trabalho do masoquismo

Não sei dizer se o masoquismo poderia ser um leito de rocha, mas certamente é uma “pedreira” nos registros da clínica e da metapsicologia. Paradoxalmente, é a forma primeira do psiquismo de lidar com o demoníaco pulsional. Em função dessas espinhosas questões, esboçarei agora a parte mais autoral deste trabalho.

Com efeito, proponho um *trabalho do masoquismo*. Isto no sentido de trabalho psíquico ou, mais precisamente, da medida de trabalho que as forças pulsionais exigem do aparelho psíquico. Esta noção é fundamental em Freud: desde a *Traumdeutung* (1900) nos fala em trabalho do sonho e, posteriormente, em trabalho do luto e da melancolia (1917), e até mesmo trabalho do delírio (1911) e *Kulturarbeit* (1930) [trabalho de cultura ou processo civilizatório].

Na formação de compromisso operada no trabalho do sonho há uma negociação no sentido do princípio do prazer-desprazer. Já o trabalho de luto objetivaria desinvestir um objeto perdido e substituí-lo por outro investimento possível. Na melancolia, por sua vez, o trabalho seria abandonar um objeto perdido e no delírio haveria uma tentativa de restaurar o enlace com os objetos. No trabalho civilizatório ocorreriam transformações nas metas e objetos pulsionais, operando desvios nos fins sexuais e destrutivos diretos.

E qual seria a especificidade do trabalho do masoquismo?

Nota-se que a capacidade de suportar tensões e mantê-las erógenas, realizações só possíveis através do masoquismo originário, são também as condições de possibilidade para que os demais trabalhos em questão se desenvolvam. Entretanto, a via masoquista abre caminho também para as formas de gozo psicopatológicas. O desafio, portanto, seria abrir mão dessas modalidades de prazer na dor visando adquirir outras possibilidades de manter-se na ordem do princípio do prazer.

Contudo, isto já seria um segundo tempo do trabalho do masoquismo ou, melhor, a *perlaboração do masoquismo*. Em última instância, no registro clínico, estaria em jogo um afrouxamento do circuito pulsional prévio de gozo masoquista. Entretanto, a questão que resta e parece ser decisiva, é saber se o masoquismo será, então, o guardião da vida ou anunciador da morte.

O masoquismo, apesar de ser erógeno não equivale ao amor, pelo menos no sentido objetual, pois o masoquismo primário e a escolha de objeto masoquista posterior têm íntima relação com o narcisismo: com o narcisismo primário (forma de unificação do Eu enquanto defesa da desagregação provocada pela pulsão de morte) e com a escolha de objeto narcísica (em diferença da escolha por apoio) do par sádico (Green, 2010). Por essas vias tortuosas é possível acrescentar outra hipótese de trabalho: pode-se postular uma *insuportabilidade do amor*, pois encontraria oposição na organização narcísica-masoquista.

Por outro lado, há o masoquismo que ajuda a suportar os sofrimentos do amor objetual e, inclusive, de um processo analítico. Freud (1930) nos diz que a relação com os outros, no que se refere a vida amorosa, é a principal fonte da infelicidade humana, ou seja, sua fonte por excelência.

Isto já que as intempéries das forças naturais, as doenças orgânicas e a finitude da morte são causas da natureza, isto é, impessoais. Já os conflitos amorosos encontram-se no registro propriamente dito do laço social (estado de cultura x estado de natureza).

A partir do conjunto esboçado, lanço a hipótese de que a particularidade de um trabalho do masoquismo seria operar uma *mutação do prazer na dor (originário) na capacidade de suportar a dor do amor*. É preciso amar para não adoecer (Freud, 1911), mas o amor objetual implica a dor inescapável da alteridade enquanto furo na constituição narcísica do sujeito. Em alguma medida, sempre se sofre no amor.

A problemática que os encaixes masoquistas colocam para a análise é que ao operar-se um desvio ou mesmo corte das vivências de sofrimento, corta-se o ganho de prazer extraído desta fonte. Porém, esta pode ser a principal forma de erotização sustentada pelo sujeito diante das ameaças do trabalho da pulsão de morte. Sem essa fonte, o sujeito retorna ao estado comatoso da tendência ao zero.

A transferência, enquanto operador clínico, lança o desafio de, ao mesmo tempo, frustrar o enlace sadomasoquista e entrever para o sujeito formas de investimento objetual que o assegurem contra sua própria mortalha narcísica. Não se tratando de um ponto de chegada, mas de partida, a proposição de um trabalho do masoquismo terá de aguardar seu tempo de perlaboração, isto é, ser posto à prova em sua articulação lógica com outros conceitos da metapsicologia.

Perspectivas e desdobramentos

Com Freud (1918), desejo destacar, para encaminhar a finalização deste ensaio, a imensa dificuldade de construir uma narrativa clínica no campo da psicanálise. Não há dúvidas de que muitos aspectos centrais do processo analítico em questão ficaram de fora desta narrativa. Ofereço aqui apenas um exemplo disso: a espinhosa problemática do Ideal-de-Eu. Dito isto, retomo algumas perspectivas que levantei a longo do texto e que, talvez, possam convergir com a linha de investigação acima esboçada.

O masoquismo primário em sua função erógena, como dito, produz a intrincação pulsional fundamental. No entanto, ficam em aberto questões acerca da relação entre tal masoquismo erógeno e o autoerotismo: como a libido é introduzida na modificação do princípio de Nirvana? Quais as relações entre a função de enlaçamento erótico do masoquismo primário com a unificação produzida no narcisismo primário? O que se poderia pensar nesse quadro teórico a respeito da enigmática nova ação psíquica?

Retomo ainda, a interrogação de se no caso do masoquismo (libidinal) perverso, teria de estar presente ou não, uma *condição fetichista*, já que incidiria na estrutura perversa a *Spaltung* (cisão) do Eu acompanhada de uma *Verleugnung* (denegação) em torno da castração. Por essa via, questiono se a própria dor ou os instrumentos que a produzem, sejam objetos ou palavras, seriam fetichizados no semblante masoquista de fingir-se castrado.

Por fim, assiná-lo que este material clínico insinua janelas para investigação do par paranoico-masoquista. Ou, se ousarmos mais um passo, no que se refere a afinidade fantasmática entre paranoia e masoquismo aludida por Freud (1919). Para tanto, seria preciso retornar outra vez ao caso freudiano do Homem dos Lobos (Freud, 1918).

Referências

- Dostoiévski, F. M. (2008) *Os irmãos Karamázov*. São Paulo: Editora 34. (Obra originalmente publicada em 1879).
- Freud, S. (2012). Estudos sobre a histeria. *Obras completas de Sigmund Freud*, (P. C. Souza, trad., vol. 11). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho originalmente publicado em 1895).
- Freud, S. (2006). A interpretação dos sonhos. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas*, (J. Salomão, trad., vol.V). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1900)
- Freud, S. (2006). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas*, (J. Salomão, trad., vol. VII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1905)
- Freud, S. (2006). Fragmento da análise de um caso de histeria. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas*, (J. Salomão, trad., vol. VII). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (2006). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas*, (J. Salomão, trad., vol. XII). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho originalmente publicado em 1911).
- Freud, S. (2006). A dinâmica da transferência. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas*, (J. Salomão, trad., vol. XII). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho originalmente publicado em 1912).
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. *Obras completas de Sigmund Freud*, (P. C. Souza, trad., vol. 11). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho originalmente publicado em 1912-13).
- Freud, S. (2006). A guisa de introdução ao narcisismo. *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, (L. Hans, trad., vol. I). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (2006). Pulsões e destinos da Pulsão. *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, (L. Hans, trad., vol. I). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (2006). História de uma neurose infantil. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas*, (J. Salomão, trad., vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho originalmente publicado em 1918).
- Freud, S. (2006). Uma criança é espancada. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas*, (J. Salomão, trad., vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho originalmente publicado em 1919).

- Freud, S. (2006). O estranho. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas*, (J. Salomão, trad., vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho originalmente publicado em 1919).
- Freud, S. (2006). Além do princípio do prazer. *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, (L. Hans, trad., vol. II). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho originalmente publicado em 1920).
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do Eu. *Obras completas de Sigmund Freud*, (P. C. Souza, trad., vol. XV). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho originalmente publicado em 1921).
- Freud, S. (2006). O problema econômico do masoquismo. *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, (L. Hans, trad., vol. III). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho originalmente publicado em 1924).
- Freud, S. (2006). Fetichismo. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas*, (J. Salomão, trad., vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho originalmente publicado em 1927).
- Freud, S. (2010). O mal-estar da civilização. *Obras completas de Sigmund Freud*, (P. C. Souza, trad., vol. XVIII). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho originalmente publicado em 1930)
- Freud, S. (2006). Análise terminável e interminável. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas*, (J. Salomão, trad., vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho originalmente publicado em 1937).
- Freud, S. (2006). A divisão do eu nos processos de defesa. In: J. Strachey *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas*, (J. Salomão, trad., vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho originalmente publicado em 1938).
- Green, A. (2010). Masoquismo(s) e narcisismo nos fracassos de análise e a reação terapêutica negativa. In: A. Green, *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed.
- Kafka, F. (2000). *A metamorfose*. São Paulo. Companhia das Letras (Obra originalmente publicada em 1915)
- Kafka, F. (1997). *Carta ao pai*. São Paulo. Companhia das Letras (Obra originalmente publicada em 1919).
- Paim, I.; Machado, A. P. T. (2017). *Masoquismo: um conceito fecundo?* Intervenção oral na Terça Científica do CEPdePA, 19 de setembro de 2017.
- Rosemberg, B. (2003). *Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida*. São Paulo: Escuta.
- Sacher-Masoch, L. (2015) *A Vênus das peles*. São Paulo: Editora Hedra (Obra originalmente publicada em 1870).